

FUNDAÇÃO ROBERTO CARLOS

ANO 7953

Idéias novas para valorizar Cachoeiro

Antônio Mendes Americano

Foi durante a estadia de Roberto Carlos aqui no Estado, para as apresentações de seu show Emoções em Vitória e Cachoeiro, que o cantor cachoeirense discutiu por duas vezes, na prefeitura de sua cidade, um projeto capaz de dar muito o que falar: a criação da Fundação Roberto Carlos, que pode dar novas perspectivas

culturais à terra natal do cantor, com a implantação de um teatro, cineclube, espaço para exposições e venda de artesanato local.

Uma idéia cara, mas que se espera viável, como explicam os secretários de Planejamento e Cultura da Prefeitura de Cachoeiro, Wilson Már-

cio Depes e Antônio Barros Miranda. A base para todo o trabalho é a casa onde nasceu o cantor, que será transformada em atração turística após sua restauração, com um acervo formado por instrumentos musicais, roupas e objetos que há muito tempo vêm sendo reunidos por sua mãe, dona Laura.

Do alto do edifício Itapoã, onde funciona a Secretaria de Planejamento da Prefeitura Municipal de Cachoeiro de Itapemirim, é fácil avaliar as mudanças que a criação da Fundação Roberto Carlos pode implantar na rua estreita onde morou em criança o cantor e compositor tão querido pelos cachoeirenses.



A casa onde nasceu Roberto Carlos, ponto de partida para os projetos.

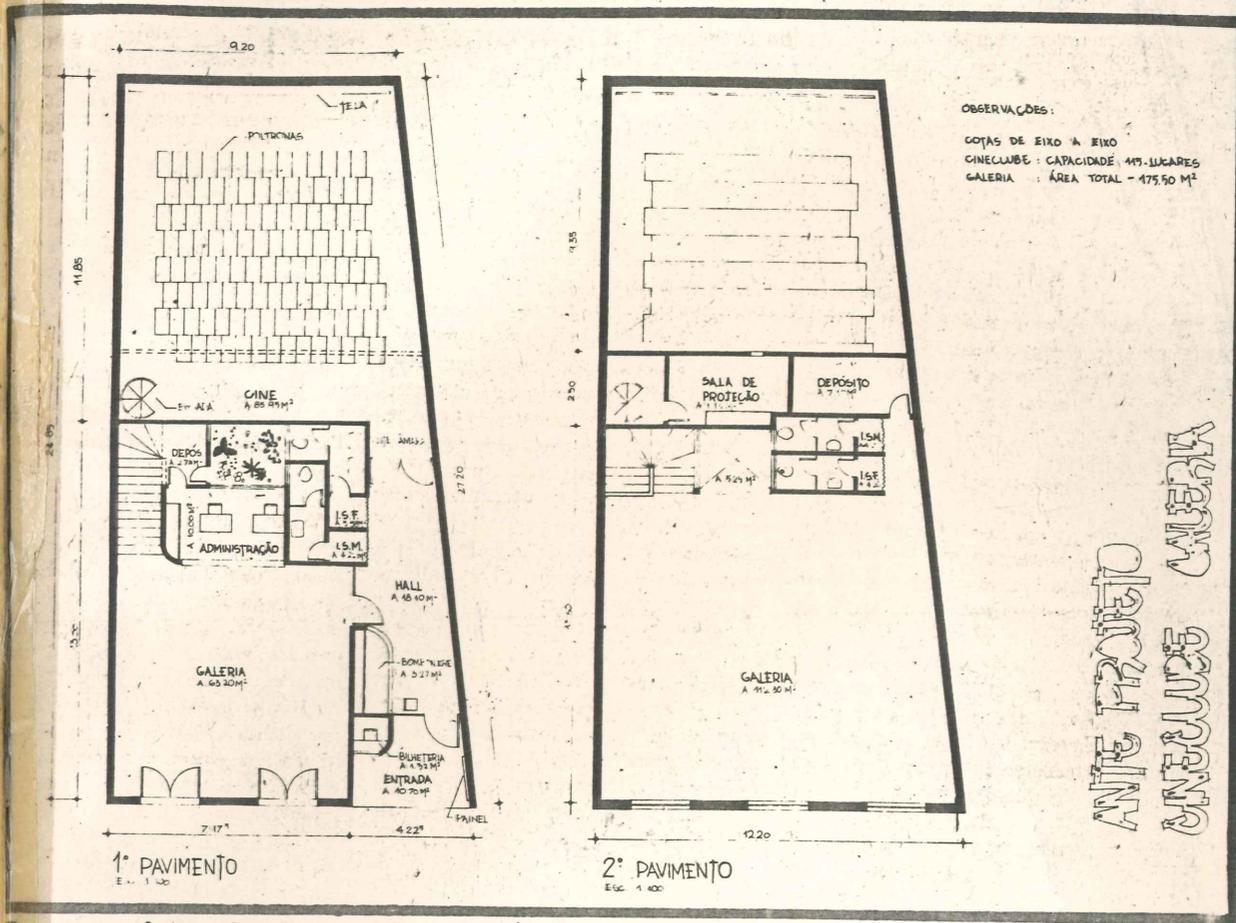
Espremida entre morros e velhos casarões e galpões que podem ser transformados em pontos de desenvolvimento cultural, a rua parece decadente, e por certa nada tem, atualmente, de cultural. Quase que diariamente, por ela passam muitos turistas, geralmente a pé, enquanto os ônibus de excursões de vários Estados ficam estacionados logo na entrada, na pracinha Pedro Cuevas Junior, onde existe uma pla-

Escola de Música, numa espécie de corredor cultural.

“É este o projeto que, praticamente pronto, vai ser entregue a Roberto Carlos ainda este mês, após o dia 15, no Rio de Janeiro. “É um projeto ambicioso, eu sei, mas antes de ser ambicioso é muito mais necessário à vida da cidade”, completa Wilson. “O que

razão, que a visão até hoje tem sido setorizada. E essa não é uma visão setorializada.

Não há idéia de quanto custaria a implantação. Os dois secretários explicam que isso está sendo calculado à medida que se conclui o projeto. E tudo parece



ANTE PROJETO CINECLUBE GALERIA

O anteprojetado do Cce-clube e da Galeria de Arte: num velho galpão.



Wilson Márcio e Antônio Miranda: projetos valiosos para a cidade.

fazer voltar, sem nenhum saudosismo, o tempo das retrétras, e é tudo questão de programar e adequar, como no caso da promoção Pintando na Praça, quando para deixar que os filhos criassem sozinhos colocamos um regional, que atraiu os pais”.

de desenvolvimento cultural, a rua parece decadente, e por certa nada tem, atualmente, de cultural. Quase que diariamente, por ela passam muitos turistas, geralmente a pé, enquanto os ônibus de excursões de vários Estados ficam estacionados logo na entrada, na pracinha Pedro Cuevas Junior, onde existe uma pla-

cultura permanente de emprego, ainda englobaria as crianças, fazendo cursos. E talvez se justificasse esse projeto cultural também por isso, pode ser um processo indutor do aplacamento da crise em que nós vivemos, porque pensamos sempre em escala maior e isso atinge muito pouca

acho que a cidade deve se voltar para dentro de si, como muitos países fizeram para resolver sua situação. E os municípios precisam fazer isso, mesmo sendo indigentes, sendo pensionistas da Federação, com a carga tributária que recai sobre eles. Que está havendo um renasse do tributo para

Wilson comenta, então, que “o povo está cansado de promessas, de discussões políticas” — Ele quer, na verdade, que se faça alguma coisa além do planejamento, e por isso estamos trabalhando até 16 horas por dia, sem parar. Que a cidade nem tem

Espremidas entre morros e ilhos casardes e galpões que podem ser transformados em pontos de desenvolvimento cultural, a cidade parece decadente, e por certo nada tem, atualmente, de cultural. Quase que diariamente, por ela passam muitos turistas, geralmente a pé, enquanto os ônibus de excursões de vários Estados ficam estacionados logo na entrada, na pracinha Pedro Cuevas Junior, onde existe uma placa de mármore com uma guitarra dourada, homenagem "da Princesa do Sul ao Rei".

Entre pranchetas de desenho e painéis fotográficos com trabalhos em andamento, implantados a médio prazo como o Hortão do bairro Aeroporto, o secretário Wilson Márcio Depes explica que velhos galpões como o da desaparecida "Esse-A" (uma sociedade anônima ligada à comercialização de café) podem ser transformados, graças à Fundação, em teatro com espaço para exposições de arte, em cinemateca, em ponto de trabalho para o variado artesanato da cidade. Mas e a idéia, como surgiu?

— No encontro com Roberto Carlos, na segunda visita que ele fez a Cachoeiro, sentimos que ele queria ouvir, demais, o que a gente pretendia. Ouvindo sobre os planos de governo da prefeitura, na reunião com o prefeito Roberto Valadão, a que compareceu com seu amigo José Nogueira, ele buscou informações sobre a reconstrução da casa onde nasceu, que era seu objetivo inicial. Ele não queria causar nenhum constrangimento, nenhum prejuízo aos proprietários da casa. A gente, insistindo, percebia que ele queria as coisas de maneira mais imediata, perguntando "quanto vai custar, quanto vocês precisam", e propusemos a ele apresentar um plano", conta o secretário de Planejamento da PMCI. E continua:

— Então, dentro desse espírito, realizamos um inventário de todas as casas da cidade, e surgiu o projeto Recanto, partindo da rua, da casa de Roberto Carlos. Conversamos muito tempo com a mãe dele e ela fez questão de vir a Cachoeiro, para restaurar a casa de Roberto Carlos como ela era, efetivamente, em todos os seus detalhes. Ela tem todas as recordações dele, a roupa de primeira comunhão, a primeira guitarra, enfim, tudo isto. Mas nós temos hoje, em mãos, um projeto muito maior. Temos vários galpões, que propõem a você criar um teatro, uma galeria de artes plásticas, um clube, a Casa da Memória, a Casa do Atleta,

Escola de Música, numa espécie de corredor cultural.

— Este projeto que, praticamente pronto, vai ser entregue a Roberto Carlos ainda este mês, após o dia 15, no Rio de Janeiro. "É um projeto ambicioso, eu sei, mas antes de ser ambicioso é muito mais necessário à vida da cidade", completa Wilson. "O que seria unicamente um museu Roberto Carlos ou coisa assim", comenta o secretário de Cultura Antônio Miranda", que ele compraria a casa e doaria, desenvolveu-se até essa idéia de criação do corredor cultural". Ambos vêm a reunião de tantas e inéditas bases de formação cultural da cidade que tem mais de 100 mil habitantes como uma meta viável, e destituída dos problemas causados pela setorização, "que perde a visão global da cidade".

— Eu tenho a impressão de que a partir do momento em que há essa visão setorizada ela vai se decompondo. As funções da cidade vão se decompondo, e as pessoas também", comenta Depes. "Não se pode avaliar as necessidades diagnosticando o óbvio, prognosticando a tragédia nessa visão setorizada, dentro de uma cidade que não tem opções. Perde-se com isso a visão de grande número da população.

Mas essa reunião de pontos culturais, capaz de dar à cidade de Cachoeiro maior incentivo turístico e nova vida cultural, não deve custar pouco. "Nós vamos bater em todas as portas possíveis. Nós vamos utilizar o prestígio de Roberto, e acho que vai ficar muito sensível, porque vamos recriar, por exemplo, na Casa da Memória, o que existiu em Cachoeiro. Por exemplo, a relojoaria do pai de Roberto Carlos, seu Robertino, que levamos ao projeto também. Como tem a cachaca "21" que também assinalou uma época, a velha fábrica de cimento, a fábrica de pios. Motivo pelo qual achamos que todas as pessoas vão participar, na medida em que é global a visão das pessoas, na medida em que todos de uma forma ou de outra se envolveram com isso em Cachoeiro. Criam um ambiente propício, e — explica Wilson Depes — acho que será muito difícil o Roberto rejeitar esse projeto, em face da importância dele para Cachoeiro de Itapemirim. Acho que restaura definitivamente essa imagem que Cachoeiro tem, de uma cidade que apenas vive do nome, mas sem ter nada no que diz respeito a esse aspecto. E a comunidade reclama com toda a

razão, que a visão até hoje tem sido setorizada. E essa não é uma visão setorizada.

Não há idéia de quanto custaria a implantação. Os dois secretários explicam que isso está sendo calculado à medida que se conclui o projeto. E tudo parece mesmo viável, devido à integração de cada ponto cultural, numa rua sem trânsito, onde todos podem se encontrar. E o fato de que na rua já existem os galpões, muito antigos, ajuda a preservar fachadas, e a manter a memória da cidade impedindo a transformação do lugar em mais uma rua de prédios residenciais ou de escritórios, já que tudo fica bem junto ao centro da cidade.

— E interessante ver como começou naquela rua o processo de deterioração, o caos urbano. Houve um favorecimento, segundo as irmãs Cantarini, filhas de um construtor italiano, que moram num dos prédios da rua — explica Antônio Miranda —. Segundo elas, o Pedro Cuevas Junior, que era um grande comerciante de café, o maior comprador do produto no Espírito Santo com sua "S.A.", tinha como tesoureiro Lauro Viana, por sua vez primo do então prefeito Ari Viana. E elas acusam o prefeito Ari Viana de favorecimento ao Pedro Cuevas, permitindo que ele construísse uma daquelas edificações, onde hoje planejamos construir um teatro, fora do alinhamento. É fácil notar que há ali um enforcamento da rua, justamente de frente ao velho sobrado do velho Cantarini.

Wilson lembra então o lado sócio-econômico, da transformação da rua em espaço para exposição de artesanato a partir da criação da Fundação. — Hoje estão cadastradas em Cachoeiro 320 pessoas que vivem de artesanato. Não se pode falar em artesanato sem esquecer o problema sócio-econômico, a criação de uma estrutura permanente de emprego, numa escala menor. A idéia nossa congrega todos esses artesãos e fazer um projeto mais extenso. Pensamos em utilizar a Prefeitura como intermediária para a venda desses produtos artesanato nas casas comerciais, criando uma estrutura de emprego qualquer. E a mulher que faz o seu frivolidé, o homem que faz o jogo de xadrez com resíduos de mármore, são mais de 30 artesãos utilizando os mais diversos materiais, todos aqui na região. Você criaria uma

estrutura permanente de emprego, ainda englobaria as crianças, e talvez se justificasse esse projeto cultural também por isso, pode ser um processo de aplacamento da crise em que nós vivemos, porque pensamos sempre em escala maior e isso atinge muito pouca gente.

Em Cachoeiro, apesar da estrutura cultural em que a cidade vive, à medida que surgem novos artistas nas áreas mais diversas, não se pode chamar seu surgimento de movimento cultural, a partir do trabalho dos músicos, pintores, atores da cidade, geralmente pouco conhecidos pelos de fora. — Qualquer movimento que se faça aqui, fica na coisa festiva e logo desaparece. E não importa reunir dez mil pessoas numa manifestação que não vai se repetir, talvez seja melhor reunir 200 pessoas ou quatro mil pessoas, em idéias que tenham continuidade. E a rua do Roberto Carlos seria um espaço para tudo isso aí, para que as pessoas condicionadas à televisão não tenham na sua cidade um vale tão grande. Num fim de semana ou você se reúne com amigos ou fica mesmo em casa, indo. Cachoeiro é uma cidade onde a partir dos 18 anos as pessoas partem para outras cidades como o Rio de Janeiro. Precisamos criar esse processo cultural, a partir de planos que nos permitam enfrentar isso, a partir de tudo que nós estamos desenvolvendo.

Para definir as necessidades culturais do cachoeirense, a Prefeitura está elaborando um questionário, onde uma das primeiras perguntas diz respeito à lazer e às opções culturais, criação da Fundação. — Hoje estão cadastradas em Cachoeiro 320 pessoas que vivem de artesanato. Não se pode falar em artesanato sem esquecer o problema sócio-econômico, a criação de uma estrutura permanente de emprego, numa escala menor. A idéia nossa congrega todos esses artesãos e fazer um projeto mais extenso. Pensamos em utilizar a Prefeitura como intermediária para a venda desses produtos artesanato nas casas comerciais, criando uma estrutura de emprego qualquer. E a mulher que faz o seu frivolidé, o homem que faz o jogo de xadrez com resíduos de mármore, são mais de 30 artesãos utilizando os mais diversos materiais, todos aqui na região. Você criaria uma

— Eu dou aulas na Faculdade e quando pergunto sobre a qualidade de vida são poucas as pessoas que respondem ao questionário. — comenta Wilson. — Eu

acho que a cidade deve se voltar para dentro de si, como muitos países fizeram para resolver sua situação. E os municípios precisam fazer isso, mesmo sendo indigentes, sendo pensionistas da Federação, com a carga tributária que recai sobre eles. Que está havendo um repasse do tributo para os pobres, que pagam mais tributos que os mais ricos. E no primeiro levantamento que fizemos sobre o recadastramento, vimos 50 mil unidades que não estão cadastradas, principalmente no bairro Gilberto Machado, onde mais de 10 mil lotes não pagam imposto territorial urbano. E em face dessa visão setorizada as pessoas estão sofrendo muito, e não há como fazer uma estrada beneficiar a população se não tiver uma função social.

Tudo isso estava, antes das eleições, nos planos de Governo distribuídos à população cachoeirense pelo então candidato Roberto Valadão, que incluíam da limpeza urbana à saúde, da ampliação do abastecimento d'água à questão cultural. Recém-criada, a Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo está elaborando seu orçamento — à parte a Fundação RC — de forma a desenvolver coisas esquecidas na cidade, como as bandas, que terão para seus músicos uma escola específica, com professores mais bem pagos na cidade onde o velho Raul Sampaio, mestre de banda e professor há mais de 60 anos, recebe 5 mil cruzeiros por mês.

— O município hoje está de pires na mão. Você fez um plano de cargos e salários, e teve um impacto orçamentário violentíssimo. Antes você fazia grandes obras, mas com um motorista ganhando 20 mil cruzeiros por mês. Em outra empresa qualquer ele ganharia 70 ou 80. Então acontecia de, com uma empresa de 1600 servidores, você tem uma empresa inoperante, que se fosse operante, pelo menos estaria sacrificando o ser humano. Então, para dar mais a seu Raul e as bandas, temos que bater às portas da iniciativa privada, buscar a quem quiser ajudar", desabafo o secretário de Planejamento. "Não queremos dar à Secretaria de Cultura o caráter de mecenas", completa Antônio Miranda", e a prefeitura não vai funcionar como órgão empresarial do artista. O caso das bandas é um aspecto à parte, que elas estão mesmo morrendo, e desapareceram porque desapareceram os coretos, no caos urbano. É intenção nossa

Wilson comenta, então, que "o povo está cansado de promessas, de discussões políticas" — Ele quer, na verdade, que se faça alguma coisa além do planejamento, e por isso estamos trabalhando até 16 horas por dia, sem parar. Que a cidade nem tem onde colocar uma exposição como a da Semana de Arte Moderna. Como disse no Rio o Paulo Herkenhoff, da Funarte, "vocês não têm espaço para expor isso lá". Mas nos reunimos e buscamos um lugar até montar no saguão do prédio, aqui embaixo, a exposição de arte moderna. Esta deve ser a realidade de muitos municípios brasileiros, mas nós estamos enfrentando. Mesmo contra a incompreensão de algumas pessoas, e isso é até salutar, nós vamos enfrentar. Temos o projeto na mão, vamos mostrar ao Roberto Carlos, mas Cachoeiro não pode morrer dessa forma.

Um dos outros projetos já está em execução, em conjunto com as duas secretarias. "Nas viagens que fizemos a Curitiba e Lages tentamos separar o que era importante do que era fundamental. E se importante é a vala ao lado da casa de alguém, ou criar um transporte viável, a cultura e a criação de uma estrutura permanente de emprego, são fundamentais. E a partir do momento em que as pessoas estão desunidas, não têm onde se encontrar, ficando em casa e desagregadas, resolvemos criar na rua Sete de Setembro, numa esquina que era das mais perigosas da cidade, um Ponto de Encontro, que possa deflagrar um processo. O Ponto de Encontro foi concebido a partir de muitas reuniões, da união das secretarias, de contatos com Jaime Lerner e tudo o mais, partindo da idéia de que apesar de movimentadas, as ruas estavam muito mortas. E ali vamos usar o grânito, que é jogado fora em Cachoeiro de Itapemirim, vamos criar uma série de locais como uma livraria que abra à noite, uma feira do poeta — com máquinas que eram da imprensa Oficial — onde quem escreve possa ter seu trabalho impresso na hora, e também permitir aos mais velhos, que perderam até o tradicional bar Vitória, que joguem damas ou xadrez em mesas feitas com resíduos de mármore. Além das cabines telefônicas, que completam a idéia que esperamos ver disseminada por toda a cidade, de valorização de seus espaços mais desordenados.